

Comentário do Gestor

Janeiro foi marcado pela posse de Trump e confirmação dos principais objetivos do novo governo americano, como prometidos em campanha: políticas tarifárias, para proteção da indústria nacional ou como tática de negociação; deportação em massa de imigrantes, fator de pressão sobre o mercado de trabalho; e cortes de gastos e desregulamentação, com potenciais efeitos positivos sobre os ativos financeiros, a depender do montante e eficácia. Apesar da implementação, parcial ou não, de tarifas e deportação de imigrantes, as medidas acabaram sendo mais leves do que o discurso pré-posse e do que o mercado esperava. Assim, o desempenho negativo de dezembro foi revertido em parte neste mês, com avanço dos ativos de risco em geral.

A curva americana de juros fechou marginalmente no primeiro mês do ano, revertendo parte do movimento de dezembro. O vértice de 2 anos fechou 4 pb (pontos-base), enquanto o de 10 anos, fechou 3 pb. No mercado de renda fixa, o desempenho foi positivo, com fechamento de *spreads*: o CDS brasileiro (considerado “risco país”) fechou de 216 pb para 180 pb, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*) fechou de 311 pb para 300 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) ficou praticamente estável, a -0,11%. Em relação aos mercados acionários, S&P 500 avançou 2,7%, enquanto Nasdaq, 2,2%, com performance inferior devido ao advento da IA da Deepseek, que penalizou as "Seven Magnificent" (Alphabet, Amazon, Apple, Meta Platforms, Microsoft, NVIDIA e Tesla). Já o *benchmark* de volatilidade do S&P 500 (VIX) recuou de 17,35 no mês anterior para 16,43 no fechamento do mês. No Brasil, observou-se um movimento de reversão da piora exacerbada em dezembro, com avanço de 4,9% do Ibovespa, valorização de 5,4% do real e fechamento da curva de juros local, com alguns vértices chegando a fechar mais de 100 pb. Para comparação, peso mexicano valorizou 0,72%, CDS fechou 9 bps, para 132, e o principal índice acionário mexicano avançou 3,43%.

Nos Estados Unidos, a posse de Trump levou mais dúvidas aos agentes de mercado. A implementação de tarifas de 25% no México e Canadá, países aliados, foi uma surpresa negativa pela intensidade, porém, a reversão quase que imediata, adiando o prazo em 1 mês, trouxe alívio aos mercados. Não se sabe se as tarifas serão aplicadas, se são táticas de negociação, ou se serão aplicadas parcialmente. A única certeza das potenciais tarifas, somadas a políticas de deportação em massa, seria um efeito deletério na inflação e no crescimento. A desregulamentação e promessa de diminuição das despesas são os grandes pontos positivos, mesmo sem detalhes, e poderiam elevar

produtividade da economia americana. As conclusões, dentro desse novo arcabouço político americano, ainda estão em construção, em um misto de otimismo para empresas americanas, assim como possibilidade de aumento da inflação e queda no crescimento potencial de longo prazo.

Sobre os dados da economia americana, o PIB do 4º trimestre registrou 2,3% t/t anualizado (consenso de 2,6%), com consumo pessoal sendo a mola propulsora, em avanço de 4,2% t/t anualizado (consenso de 3,2%). O CPI, após o índice cheio tocar níveis próximos a 2,5% a/a, está em 2,9% a/a e o núcleo a 3,2% a/a, em seu nível mais baixo desde 2021 e o PCE, índice de inflação favorito do Fed, registrou 2,6% a/a e núcleo em 2,8% a/a, os dois em linha com estimativas, mas ainda pressionados pela inflação de serviços. O mercado de trabalho mostra acomodação, apesar do número mais recente (256 mil vagas criadas em dezembro, ante consenso de 165 mil), com média móvel dos últimos doze meses abaixo de 200 mil, e taxa de desemprego a 4,1%, ante 3,4% das mínimas recentes. Mesmo com o cenário mais benigno, o FOMC manteve os juros na última reunião, e seus membros têm modificado seus discursos para uma postura mais conservadora, citando a inflação em níveis elevados e em modo de espera sobre os efeitos das políticas do novo governo.

Uma das grandes novidades nesse início do ano foi o advento da IA Deepseek, um spin-off de um fundo hedge sediado em Hong Kong. Com uma capacidade de entregar uma inteligência artificial a um custo ínfimo, penalizando as ações americanas de tecnologia, principalmente a Nvidia. Ainda sobre o novo governo e sua política externa, inteligência artificial deve ser um tema importante, com Trump incentivando a compra do Tiktok por empresas americanas, e governo chinês respondendo com investigação por violar Lei Antitruste pelo Google. Além disso, discussões territoriais parecem voltar ao centro do debate, sendo piadas ou não, com exemplos de Trump sugerindo anexar Canadá, Groenlândia, e podendo ser menos custoso para China anexar Taiwan, sede da TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Co Ltd). Os próximos meses parecem sinalizar turbulência, com riscos relacionados a uma política mais imprevisível, e com potencial de adicionar bastante volatilidade, principalmente com discursos fortes e depois recuos.

No resto do mundo, continua a desorganização nos principais países europeus, com governos com déficit fiscais elevados, queda da produtividade e atividade, e eleitores com demandas fiscalmente heterodoxas e polarização extremada. Em relação aos juros, BCE continua processo de alívio monetário, com corte de 25 pb, e inflação caminhando para 2,0% a/a. Já a China, mesmo com fraqueza do setor imobiliário e PMIs mais fracos, surpreendeu ao atingir a meta de 5% de crescimento em 2024, acima das expectativas do mercado, principalmente pelas elevações das exportações, provavelmente em antecipação às tarifas que Trump prometeu. Já o BoJ, adotando uma postura mais dura, elevou os

juros em 25 pb, após o CPI não ter conseguido baixar ao nível de 2% a/a e massa salarial com crescimento de 4,8% a/a, um dos principais indicadores observado pelo comitê japonês.

Após um final de ano tenebroso e pior desempenho entre os emergentes LATAM, os ativos brasileiros tiveram um excelente janeiro, tanto pelo posicionamento dos agentes, que estavam vendidos em excesso na moeda brasileira, silêncio de membros do Governo, além do movimento global de reversão do Trump Trade. Do lado positivo, o déficit fiscal primário terminou em 0,1% do PIB, e adicionando despesas extraordinárias, com ajuda ao RS, terminou em 0,4%, surpreendendo as expectativas de início de ano dos agentes do mercado. Do lado negativo, as despesas com previdência continuam a surpreender para cima, e, por serem uma das maiores fatias do bolo, e serem uma despesa obrigatória, vão continuar a achatar os recursos livres para investimentos do Governo, o que pode suscitar uma demanda por medidas parafiscais, ainda mais com emendas no montante atual e com a demanda dos congressistas por sua elevação.

Em relação à atividade, continua a expansão pelo consumo das famílias, exemplificado pela diferença no crescimento das vendas no varejo vis-à-vis à produção industrial, 4,7% a/a versus 1,7% a/a, respectivamente. O IPCA marca 4,83% a/a e membros do Governo já adiantaram que, provavelmente, a inflação não ficará dentro da meta em junho de 2025. O COPOM continua seu processo de restrição monetária, ao elevar em 100 pb, conforme prometido na reunião anterior, e mantiveram o *guidance* para a próxima reunião. Não se comprometeram para as reuniões a partir de maio, o que evidenciou uma postura mais *dovish*. Em contrapartida, o comitê foi bem duro na Ata do COPOM, com uma postura que foi vista como *hawkish*, o que impulsionou a performance dos ativos locais no dia.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 2,04% no mês, ante CDI de 1,01%. Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 10,76%, contra um CDI de 10,92%, equivalente a 99% do CDI ou CDI – 0,14%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,74%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,5 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,45% em dólares. As maiores posições do fundo são: Aegea, Brasil (soberano), Cosan, Minerva e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas.

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	58,48%	49,06%	119%
Últimos 12 meses	11,32%	10,92%	104%
jan-25	2,09%	1,01%	207%
dez-24	-1,06%	0,93%	-
nov-24	0,80%	0,79%	101%
out-24	0,02%	0,93%	2%
set-24	1,68%	0,83%	202%
ago-24	1,85%	0,87%	213%
jul-24	1,51%	0,91%	166%
jun-24	0,36%	0,79%	46%
mai-24	1,60%	0,83%	193%
abr-24	-0,81%	0,89%	-
mar-24	1,39%	0,83%	167%
fev-24	1,39%	0,80%	174%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2025	2,09%	1,01%	207%
2024	9,29%	10,87%	85%
2023	13,78%	13,05%	106%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,76%	4,40%	108%
2020*	5,54%	0,36%	1542%

*desde 22/10/2020

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotação
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC II FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

*Taxa de administração total de 1.01% a.a., sendo 0,51% a.a sobre o Octante Crédito Privado II FIC FIM IE, acrescido de 0,50% sobre o Octante Crédito Privado Master FIM IE

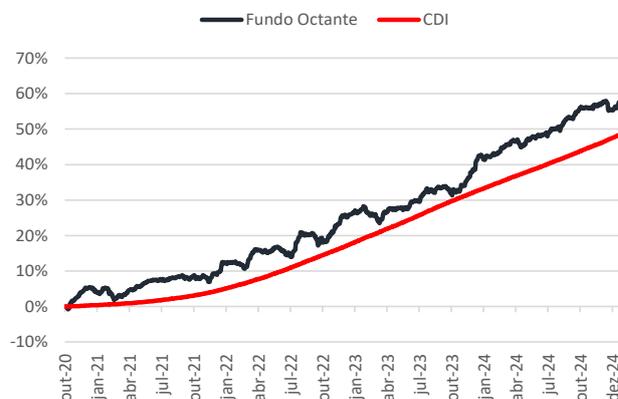
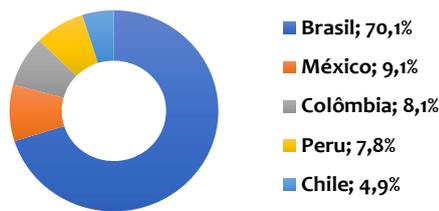
As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	71,2%
% de Meses de Retorno Negativo	28,8%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2,65%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,70%
Índice Sharpe 12 meses	0,15
Valor da Cota em 31 de Janeiro de 2025	6.966,24
PL em 31 de Janeiro de 2025	63.490.602
PL Médio (12 meses)	63.666.228
PL do Master em 31 de Janeiro de 2025	114.844.582
Yield da Carteira de Bonds em USD	7,45%
Duration Média Consolidada	5,23 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA

COMPOSIÇÃO POR PAÍS


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL
